

**Na altura do olhar:  
aproximações sobre  
a Gal. Jardim**

**At the height of the an eye  
level: approximations on Gal.  
Jardim street**

**A la altura de la mirada:  
acercamientos a la rua  
Gal. Jardim**

Tali Liberman Caldas<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Costa (EC)

Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida entre 2016-2017 com  
financiamento do Conselho Científico da Escola da Cidade

A interdisciplinaridade abordada na pesquisa é consequência de um desejo inicial e latente de se estudar arquitetura em diálogo com outras disciplinas, outros olhares. A Rua General Jardim, nesta abordagem, é um laboratório da cidade, uma pequena parcela da vida urbana de São Paulo que se mostra ao mesmo tempo limitada em seu recorte, mas ampla em sua potencialidade. Esta pesquisa busca, a partir da leitura de diversos autores que estudaram ou estudam o espaço público e as relações dentro dele, descobrir, no sentido de evidenciar, aspectos significativos de uma pequena parcela de espaço público de São Paulo. A possibilidade de se pensar as cidades não mais como objetos construídos, mas como um campo complexo, marcado por conflitos e várias camadas de significados e trocas, torna seu estudo cada vez menos restrito, evidenciando a necessidade de se observar múltiplas disciplinas ou múltiplas abordagens para se aproximar de uma compreensão do espaço.

**Palavras-chave**

espaço público; interdisciplinaridade; rua General Jardim

The interdisciplinarity addressed in the research is a consequence of an initial and latent desire to study architecture in dialogue with other disciplines, other looks. The General Jardim street, in this approach, is a laboratory of the city, a small part of the urban life of São Paulo that shows itself at the same time limited in its cut, but broad in its potentiality. This research seeks, from the reading of several authors that studied or study the public space and the relationships within it, to discover, in the sense of evidencing, significant aspects of a small portion of public space in. The possibility of thinking of cities no longer as constructed objects, but as a complex field, marked by conflicts and several layers of meanings and exchanges, makes their study less and less restricted, evidencing the need to observe multiple disciplines or multiple approaches to get closer to an understanding of space.

**Keywords**

public place; interdisciplinarity; General Jardim street

La interdisciplinaridad abordada en la investigación es consecuencia de un deseo inicial y latente de estudiar arquitectura en diálogo con otras disciplinas, otras miradas. La calle General Jardim, en este abordaje, es un laboratorio de la ciudad, una pequeña parte de la vida urbana de São Paulo que se muestra al mismo tiempo limitada en su recorte, pero amplia en su potencialidad. Esta investigación busca, a partir de la lectura de diversos autores que estudiaron o estudia el espacio público y las relaciones dentro de él, descubrir, en el sentido de evidenciar, aspectos significativos de una pequeña parcela de espacio público de São Paulo. La posibilidad de pensar las ciudades no más como objetos construidos, sino como un campo complejo, marcado por conflictos y varias capas de significados e intercambios, hace que su estudio cada vez menos restringido, evidenciando la necesidad de observar múltiples disciplinas o múltiples enfoques para Se acercan a una comprensión del espacio.

**Palabras-clave**

espacio público; interdisciplinariedad; General Jardim calle

### 1. Formulação do problema investigado

Intitulado “Na altura do olhar: aproximações sobre a Gal. Jardim”, este artigo é fruto de uma pesquisa que passou por mudanças ao longo de sua execução. As aproximações ampliaram-se, novos olhares foram descobertos, outros foram gradualmente se mostrando menos significativos dentro desta abordagem. Talvez o título mais apropriado se dê pela palavra aproximações, seja lá quantas estas forem. Também nesta pesquisa, a tentativa de formulação de uma questão central a ser estudada foi se mostrando cada vez mais uma tarefa difícil. Discorrer sobre o espaço público urbano, mesmo dentro de um recorte, mais suscita perguntas do que gera respostas. Na tentativa de formular uma questão, no entanto, fica evidente que o olhar sobre a rua é fundamental na busca pela compreensão deste espaço. É necessário estar, caminhar, registrar e estar sempre e repetidas vezes observando o mesmo espaço para que, enfim, ele indique questões que se mostram interessantes ao pesquisador.

A Rua General Jardim, nesta abordagem, é um laboratório da cidade, uma pequena parcela da vida urbana de São Paulo que se mostra ao mesmo tempo limitada em seu recorte, mas ampla em sua potencialidade. Esta pesquisa busca, a partir da leitura de diversos autores que estudaram ou estudam o espaço público e as relações dentro dele, descobrir, no sentido de evidenciar, aspectos significativos de uma pequena parcela de espaço público de São Paulo. A escolha pela Rua General Jardim, na Vila Buarque, se dá pela presença de características interessantes quanto ao uso do espaço público nela, pelos modos de ocupação e apropriação deste espaço, por suas características heterotópicas. Além disso, a proximidade cotidiana com a rua permite um olhar mais aprofundado

e até mesmo mais despretenso com este espaço. A Rua General Jardim não pode ser identificada exatamente como espaço de exceção em São Paulo, aonde a vida pública se destaca e relação a outras ruas da cidade, e é muito menos um espaço onde não há vida pública. O uso desta rua indica potencialidades, problemáticas e exemplos de sucesso de um espaço que se consolida pela presença de pessoas, do pedestre casual ao usuário diário.

O interesse que a Gal. Jardim tem despertado, tanto nos estudantes de arquitetura da Escola da Cidade quanto em outras pessoas não ligadas a esta instituição, não se dá apenas pela facilidade em acessá-la, mas pelas potencialidades desta convivência intensa e diária com a rua. Começando no centro da cidade, nas proximidades do Edifício Copan, para desembocar já no bairro de Higienópolis, na Rua Sabará, a rua assume diversos aspectos ao longo de seus 900 metros, tendo como uma característica urbana marcante o corte em sua extensão como consequência da passagem do Minhocão (hoje Elevado João Goulart). A ocupação e uso das calçadas por muitas pessoas, entre elas funcionários da Prefeitura, estudantes de Arquitetura, profissionais autônomos, lojistas, travestis e moradores de rua, conferem a este espaço uma multiplicidade de possibilidades de estudo e de olhares sobre São Paulo. A Gal. Jardim não pode ser classificada como monótona, problema crônico de grandes cidades. A questão dos usos de suas calçadas gera debates de cunho político quanto a quem ocupa o espaço público de uma grande cidade. A quem pertence uma calçada? Quais as maneiras de se apropriar deste espaço, restrito fisicamente, mas também amplo em possibilidades de ação? As calçadas da Gal. Jardim se mostram ou não democráticas, no sentido que qualquer pessoa pode ocupá-la sem que isto seja feito com

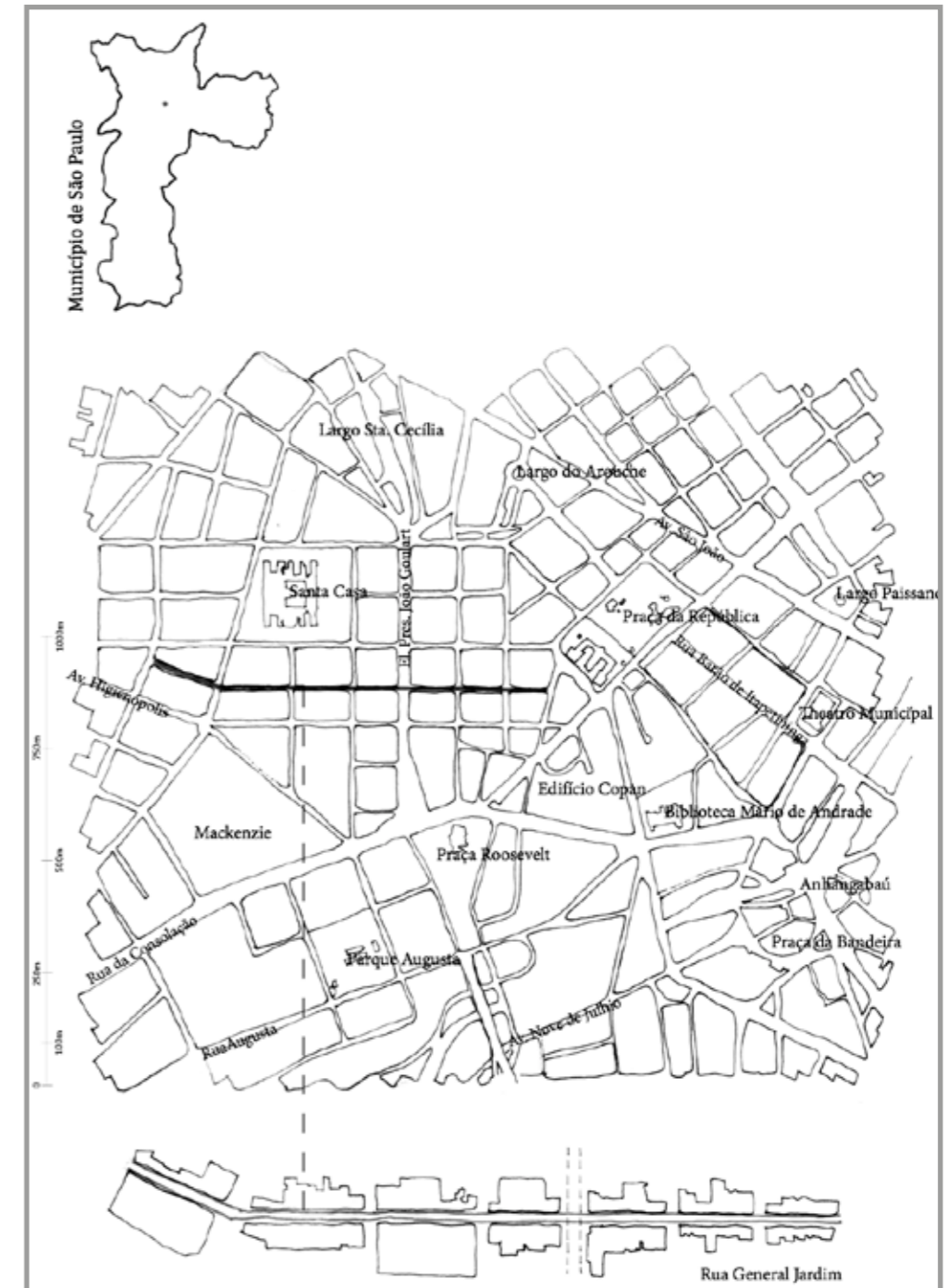


Figura 1. Rua General Jardim - localização. Fonte: desenho da autora

dificuldade e enfrentamento de preconceito? Esta pesquisa busca observar as calçadas de uma rua de uma grande cidade, sendo esta observação sempre acompanhada por leituras sobre as relações de pessoas no espaço público, para assim produzir algum conhecimento que possa ser compartilhado, de forma que esta pesquisa terá uma conclusão, porém não um encerramento. Não há limitações para a forma de se abordar o espaço público urbano de uma grande cidade contemporânea, espaço em constante transição, mas sempre fundamental para a compreensão das relações de uma sociedade. Ainda assim, este trabalho propõe uma abordagem que se detalha a seguir.

## 2. Metodologia empregada

O processo de pesquisa se deu principalmente num movimento contínuo de leitura de obras específicas e da leitura da rua, de forma que ambas se complementam, auxiliando a leitura uma da outra. A importância mútua e complexa do exercício de leitura teórica e experiência prática nesta pesquisa foram importantes para a percepção de que a apropriação de discursos, ou seja, a leitura das obras como movimento inicial, para em seguida olhar a rua, era um processo que tendia a ser fático. A rua muitas vezes remetia às obras, e as obras muitas vezes refletiam a rua. No entanto, foi fundamental a percepção de que não é possível e nem desejável criar uma relação de hierarquia entre a teoria e o objeto de estudo.

A pesquisa partiu de uma leitura inicial de obras internacionais escritas por não arquitetos entre nas décadas de 60 e 70: *Morte e vida de grandes cidades* (1961), de Jane Jacobs; *O corpo utópico, as heterotopias* (1967), de Michel Foucault e *O declínio do homem público: tiranias da intimidade* (1974), de Richard Sennett. Esta última foi gradualmente se mostrando secundária nesta pesquisa, sendo assim não será abordada neste artigo. A leitura de obras praticamente, contemporâneas entre si e ao mesmo tempo tão distintas, forneceu uma pequena amostra das complexidades em pauta naquele momento. As obras, no entanto, se aproximam uma das outras por discorrerem sobre o uso dos espaços, principalmente dos espaços públicos, e as relações entre indivíduos nestes espaços. Ao longo da pesquisa foram sendo incorporadas leituras de outros autores, entre eles autores brasileiros, e outras leituras propostas inicialmente foram gradualmente mostrando-se secundárias nesta abordagem. A proposta sempre foi buscar olhares múltiplos sobre a cidade, cruzar disciplinas

e estudos, apontar a interdisciplinaridade como uma potencialidade ao se discutir o espaço público urbano. A pesquisa foi acompanhada também da produção de alguns desenhos do objeto de estudo, como forma de tentativa de compreensão da Rua Gal. Jardim. A fotografia e olhar posterior destas imagens também foram importantes no processo de pesquisa.

## 3. Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade abordada na pesquisa é consequência de um desejo inicial e latente de se estudar arquitetura em diálogo com outras disciplinas, outros olhares. A escolha pelo estudo de autores que pensam o espaço público urbano e as relações dos indivíduos neste espaço, como Jane Jacobs e Michel Foucault, foi fundamental para a amplitude de percepções almejada ao longo do ano de pesquisa. Muitos estudantes de cursos de arquitetura, atualmente, buscam cada vez mais dialogar com estes outros olhares, como se sem esta amplitude já não fizesse mais sentido produzir arquitetura e cidades.

Diversas obras do arquiteto e historiador argentino Adrian Gorelik mostram a cidade e a arquitetura como um “universo de fronteiras extensas”<sup>1</sup> a ser descoberto pela crítica como um “conjunto amplo e historicamente variável de disciplinas” (GORELIK *apud* CASTRO; MELLO 2009). Este interesse por outras disciplinas se deu em sua trajetória principalmente pelo contato que ele teve com elas. Este contato despertou em Gorelik o interesse pela militância intelectual e política, que estaria presente ao longo de toda sua obra. O contato com estas outras disciplinas se deu, no entanto, no espaço fora da faculdade, fora da Academia. Esta pesquisa defende a inserção de disciplinas múltiplas dentro de cada formação. A arquitetura, em todas suas escalas, se mescla com a filosofia, sociologia, design, engenharia, antropologia, artes plásticas etc. Estas “fronteiras extensas” da arquitetura podem e, segundo esta pesquisa, devem ser inseridas nas discussões fora do espaço acadêmico, mas também dentro dele, permitindo ao arquiteto ampliar seu olhar e, conseqüentemente, suas produções em cima das preexistências e suas possibilidades. Na segunda metade do século XX, auge do Modernismo, a ideologia moderna e sua ambição de abarcar todas as questões nela mesma levaram a diversas críticas sobre este modelo e ao surgimento do movimento pós-Moderno. A figura de Manfredo Tafuri (1995-1994) foi fundamental para a formação de Gorelik, pois ele

foi um dos maiores contribuintes para o desmonte desta ideologia e um dos pensadores da arquitetura como um campo que vai além dele mesmo. Esta pesquisa se utiliza de olhares outros sobre o espaço, não com a intenção de afirmar a arquitetura como um campo capaz de abrigar todos os outros nela mesma, como fez a ideologia moderna, mas pelo contrário, com a intenção de afirmar a necessidade de outras disciplinas para uma compreensão mais complexa do espaço. Ao estudar a quadricula e os parques de Buenos Aires em sua tese de doutorado, o arquiteto propôs “uma trama de abordagens e significações que vão tecendo a história da cidade” (GORELIK *apud* CASTRO; MELLO 2009). O historiador afirma que isto não configura uma nova disciplina, pois para isto seriam necessários prolegômenos e corpus teóricos específicos, o que seria impossível. Gorelik afirma que tornar esta trama uma disciplina seria até indesejável, de forma que a história cultural urbana se dá por um cruzamento de perspectivas, e isto sim deve ser almejado no estudo de cidades. Gorelik, em entrevista, afirma:

Sempre se soube que não pode haver uma teoria da cidade, porque a cidade é um objeto aberto, multifacetado, que recusa toda intenção de redução teórica. Mas, se para os campos tradicionais de conhecimento urbano (como a sociologia urbana, por exemplo) isso sempre pareceu ser uma desvantagem, uma falha que deveria ser resolvida, a riqueza da história cultural urbana está no fato de que, pelo contrário, ela pode aproveitar o potencial que reside nessa “falha” e, assim, obter uma visão muito mais rica da cidade. (GORELIK *apud* CASTRO; MELLO 2009, s.p.)

O modo de Gorelik de contar a história da cidade, no caso a história de Buenos Aires, deixa em segundo plano uma análise mais ortodoxa e tradicional para dar espaço a novas perguntas sobre espaços tido como compreendidos. Esta abordagem é consequência clara de um olhar ampliado sobre a cidade que, no caso, mais do que seguir um modelo importado de desenho urbano, era resultado de necessidades de domínio internas e interesses distintos dos modelos urbanos europeus. Segundo Gorelik, “a história cultural urbana abre-se a todas as disciplinas que tenham algo a dizer sobre a cidade”, de forma que lógicas diversas formam tramas distintas em cada momento da cidade, que também conforma uma lógica própria. Gorelik afirma que a maior dificuldade neste processo é identificar quais são os pontos de encontro em que as distintas lógicas demonstrem alguma potencia-

lidade. O cruzamento de disciplinas, para ser completo, deve acrescentar algo a ambos os lados de intersecção, por exemplo, quando abordamos a Antropologia Urbana para falar sobre Urbanismo. A Antropologia Urbana deve não apenas contribuir para o Urbanismo, mas deve também tirar algo produtivo deste cruzamento. É nesta intensa troca de saberes que está a riqueza de trabalhos interdisciplinares e a possibilidade de se produzir algo novo, que possa ser compreendido e apropriado por todos os olhares envolvidos. Gorelik conclui sua fala afirmando que, para caracterizar e expandir o estudo da história cultural urbana, a saída seria “unir as diferentes visadas sobre a cidade para poder entendê-la em sua completude e, mais ainda, para produzir uma nova visão sobre ela” (GORELIK *apud* CASTRO; MELLO 2009).

Como exemplo de produção no Brasil em diálogo com a abordagem proposta por Gorelik, o artigo de Ana Claudia Veiga de Castro, *Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana*, a autora apresenta um estudo da incorporação de discursos não especializados ao acervo de fontes tradicionais a partir da história urbana, com o intuito de “ampliar o catálogo documental mobilizado” e contribuir “para a consolidação de um subcampo, a história cultural urbana” (CASTRO, 2016). Seu estudo de romances se deu pelo potencial que estes escritos têm de oferecer relatos da vida cotidiana de uma época. Além dos romances, crônicas e poesias oferecem uma visão ampliada da cidade, onde o próprio cenário descrito se comporta como um personagem a ser compreendido. A autora cita Baudelaire e Mário de Andrade como escritores que criam imagens extremamente sensíveis do ambiente urbano, possibilitando a aproximação do leitor destes espaços, documentados em sua literatura. Como Gorelik, Castro aponta a dificuldade de se cruzar as produções de áreas distintas e torna-las uma documentação válida e, principalmente, fundamental. Os pesquisadores que encaram esta questão continuam enfrentando grandes desafios. Castro cita Nancy Stieber e sua constatação de que essa tendência cultural teve início nos EUA na década de 60 (década também de publicação de *Morte e Vida de Grandes Cidades*, de Jane Jacobs, que será discutida mais adiante), junto ao abandono de grandes narrativas e dos esquemas estruturalistas que pautaram a história até aquele momento. A década de 60 marca o fim do auge do Modernismo e início da publicação de obras identificadas como pós-Modernas.

A possibilidade de se pensar as cidades não



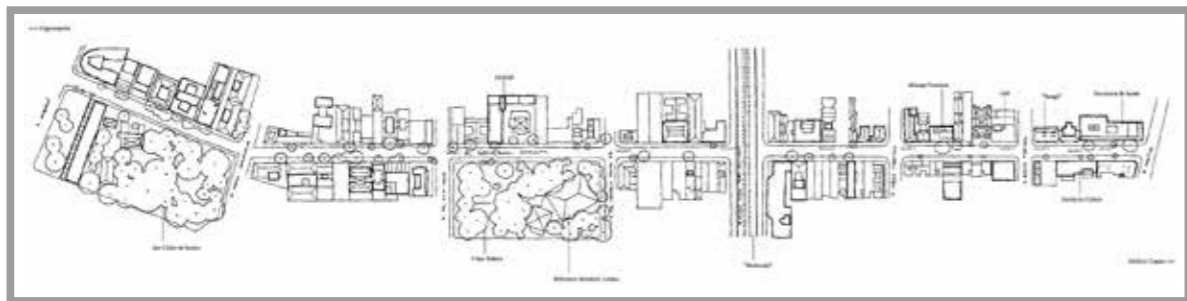


Figura 2. Rua General Jardim.  
Fonte: desenho da autora

mais como objetos construídos, mas como um campo complexo, marcado por conflitos e várias camadas de significados, torna seu estudo cada vez menos limitado a um ou dois campos e passa a ser necessário olhar múltiplas disciplinas ou múltiplas abordagens para se aproximar de uma compreensão deste espaço. Segundo Castro, um dos caminhos para se compreender a história urbana é “trabalhando a partir do cruzamento de fontes e jogando luz sobre a experiência urbana”, buscando sempre os pontos de intersecção.

#### 4. Jane Jacobs

A principal obra de Jane Jacobs, “Morte e Vida de Grandes Cidades” (*The Death and Life of Great American Cities*, 1961), teve papel fundamental ao longo desta pesquisa. Jacobs, que teria completado 100 anos em 2016, não era urbanista ou arquiteta, mas sua formação em jornalismo e seu olhar apurado lhe conferiram uma das análises mais ricas do espaço público urbano, das razões para a violência e a insegurança nas ruas e dentro dos próprios conjuntos habitacionais, e a importância do ativismo político. Ao criticar as ações e consequências do urbanismo ortodoxo e o constante abandono dos espaços públicos de grandes cidades norte-americanas, principalmente em Nova York, onde viveu, Jacobs realizou o que define como um “ataque aos fundamentos do planejamento urbano e reurbanização vigentes” (JACOBS, 1961), abalando assim crenças modernas e propondo novas formas de organização urbana. Entre as características mais importantes para uma cidade, segundo a autora, estão a diversidade de usos e a densidade. Quase 60 anos após sua publicação, nos encontramos ainda presos a questões semelhantes àquele momento. “Morte e Vida de Grandes Cidades” é

uma obra crítica às condutas e intenções que sustentaram o planejamento urbano e a reurbanização modernos ortodoxos. Jacobs busca pensar, na prática, o que ela define como coisas cotidianas nas cidades, buscando quais princípios trazem vitalidade e que princípios as inviabilizam. Este olhar que Jacobs propõe sobre a cidade se mostra hoje, de forma ambígua, munido, mas ao mesmo tempo muito enfraquecido. O que ela chama de “coisas cotidianas” está hoje ameaçado pelo direito de deslocamento individual desenfreado, privatizações e esvaziamento da vida pública em detrimento da vida privada. Jacobs aponta para problemas dos Estados Unidos da década de 50 que persistem nas grandes cidades contemporâneas, como a segregação da população por seu “valor”, a sensação de insegurança em bairros residenciais, parques vazios e a vida em suspeição em relação à cidade circundante. A autora também aponta para a dificuldade de especialistas de diagnosticarem problemas urbanos a partir da vida real, baseando-se sempre em princípios de cidades imaginárias, cidades número, cidades excepcionais. O que Jacobs chama de vida real pode ser complexo.

Logo na introdução do livro, a autora aponta que os carros, hoje vistos como principal razão para o colapso das cidades, são antes sintomas dos insucessos: “[...] não mais nos importemos com o funcionamento real das coisas, mas apenas com a impressão exterior imediata e fácil que elas transmitem” (JACOBS, 1961, p.6). Jacobs defende que o ato de se observar mais de perto as experiências mais comuns pode decifrar o comportamento das cidades. Neste trabalho, observamos a experiência da Rua General Jardim, um espaço aparentemente comum, buscando compreender dinâmicas e trocas urbanas. O recado da obra de Jacobs é a importância de se “observar mais de perto, com o

mínimo de expectativa possível, os acontecimentos comuns” (JACOBS, 1964, p.12). Jacobs milita avidamente pela diversidade de usos e densidade urbana como formas de estímulo da vitalidade urbana. Faz crítica ferrenha a Ebenezer Howard e Le Corbusier por suas Cidades-Jardim, apontando que suas ideias centralizadoras serviram de impulso aos progressistas do planejamento urbano, que assimilaram seu desenho ordenado, claro, irresistível, como uma tentativa de separação das funções públicas e culturais para descontaminá-las da cidade real.

O desenho destas cidades pode ser identificado atualmente em São Paulo. Ruas tortuosas, arborização e ocupação exclusivamente residencial são algumas das características dos bairros-jardim. Com poucas exceções, bairros paulistas considerados nobres como Jardim Europa, Pacaembu, Alto da Lapa e Sumaré encontram-se hoje em profunda crise. Insegurança, esvaziamento das ruas, casas muradas, casas vazias e séries de assaltos são alguns dos fatores problemáticos destes espaços que merecem ser discutidos. De maneira ainda mais problemática, o aumento de demanda por construção e moradia em bairros (hoje cidades inteiras) totalmente segregados como Alphaville ou edifícios residenciais vinculados a shoppings como o Villa Lobos e Cidade Jardim são sintomas de que o espaço público das grandes cidades está hoje ameaçado ou, de maneira igualmente ruim, pouco desejado. O objetivo da autora é compreender a ordem social e econômica das cidades sob sua aparente desordem.

As observações de Jacobs são ricas, pois são produto de um olhar intenso e constante sobre a cidade, inclusive dentro do cotidiano da própria autora (Jacobs dedica parte de seu livro para discorrer sobre a rua Hudson, no Greenwich Village, onde morava). A autora conclui que a monotonia pode prejudicar uma rua tão fortemente a ponto de ela vir a ser esvaziada, ou até abandonada. E isso é desvantajoso para a população e para a economia. Jacobs enxerga na diversidade, rentabilidade.

Morte e Vida de Grande Cidades foi e ainda é uma obra extremamente controversa. Entre as críticas, há uma série delas de cunho machista, em que é constatado que o olhar intenso de Jacobs sobre as calçadas se dá por ela ser mulher e mãe, de forma a invalidar parte de suas conquistas como pedestre e limitá-las a seus interesses domésticos. Pouco se discute sobre a importância deste olhar da mulher, antes voltado ao âmbito privado, voltar-se então para o espaço público. Há, no entanto, uma série de críticas à sua obra que se mostram

extremamente pertinentes e complexas. Tendo publicado este livro na década de 60, é necessário se ter em vista o contexto político-social dos Estados Unidos naquele momento, e a presença marcante da luta racial latente. Jacobs pontua rapidamente que não irá discorrer sobre a situação dos negros nestas cidades, justificando que sua obra fala sobre outras questões. Mas de que forma é possível falar sobre o direito ao espaço público urbano e a produção de um espaço de qualidade sem falar da questão racial e do preconceito sofrido por negros nesta mesma época? Lançado em 2017 no Brasil, o documentário “Eu não sou seu negro” (de Raoul Peck) examina as questões raciais nos EUA, de forma a apontar também questões raciais contemporâneas. Este filme exemplifica que as problemáticas e o racismo neste período não poderiam ser ignorados ao se falar de espaço público. Aos negros, o espaço público era restrito ou negado, segregado, impedido ou dificultado. Aí está uma das maiores problemáticas da obra de Jacobs: em sua família, “não tem enteados” (BERMAN, 1982). O espaço público a cidade que ela defende não é democrático. Além dos negros, a autora não fala sobre gays, travestis, ou pessoas em situação de vulnerabilidade. A calçada de Jacobs é, neste sentido, extremamente restrita. O discurso de Jacobs de elogio à vida urbana moderna e à família passa a ideia de que o microcosmos descrito por ela restringe a real diversidade de uma grande cidade. Citando Berman, Castro aponta que o discurso de Jacobs foi incorporado pela *New Right*, o que trouxe a reflexão se seu texto seria “uma espécie de contracorrente de nostalgia por uma família e um bairro nos quais o eu pudesse estar seguramente incrustado, [...] um sólido refúgio contra os perigos correntes de liberdade e ambiguidades em que todos os homens e mulher são apanhados (BERMAN, 1986). Berman então conclui que Jacobs descreve “a cidade antes da chegada dos negros”.

Esta pesquisa incorporou as críticas de Berman e as considera fundamentais para a leitura da obra de Jacobs. No entanto, o olhar da autora sobre o espaço público e a onde de ativismo político que as ações de Jacobs promoveram foram fundamentais para uma mudança no olhar sobre as calçadas e sobre o cotidiano de indivíduos de uma cidade grande. A autora nunca cita a palavra “feminismo”, mas “ao revelar a perspectiva de uma mulher sobre um tema público crucial e ao tornar tal perspectiva rica e complexa, aguda e irresistível, ela facilitou o caminho para a grande onda de energia feminista que irrompeu no final da década” (BERMAN, 1982). Jacobs alimentou vozes femininas

em um texto claramente político. Hoje, sua obra merece uma leitura cuidadosa, de forma a nos atentarmos às possibilidades que ela nos exhibe, mas também às barreiras que ela não ultrapassou.

## 5. Michel Foucault

Foucault foi um dos maiores pensadores do ocidente, cujas reflexões serviram de base para contestações políticas, sociais e culturais do século XX. Formado em diversas áreas como Filosofia e Psicologia, Foucault participou de movimentos sociais considerados vanguardas no seu tempo, entre eles a luta antimanicomial (conflito presente ainda no século XXI), as revoltas nos presídios franceses e o movimento gay. O filósofo dizia que suas pesquisas nasciam de problemas que o inquietavam. Foucault também escrevia diversos artigos, dava entrevistas e participava de conferências em vários países, inclusive no Brasil. Em Abril de 1966, Michel Foucault publicou “As Palavras e as coisas”, obra em que analisa a evolução dos seres e a filosofia das ciências tendo como base as mudanças ocorridas entre o século XVIII e o século XX. No prefácio do livro, Foucault faz referência a uma espécie de enciclopédia que distribuía os animais em 14 classes pouco prováveis, como a) pertencentes ao imperador b) embalsamados etc. Esta “desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis” fora batizada por Foucault de “heterotopia”, termo contrário a “utopia”. Naquele mesmo ano, Foucault introduz o conceito de heterotopologia, em um quadro de uma série radiofônica chamada “Cultura Francesa”. O uso que Foucault faz das heterotopias muda completamente, sendo então pertinente a análise dos espaços, e não mais dos discursos. Espaços em outra categoria de espaço-tempo, como o espelho e o cemitério, são citados pelo filósofo.

No ano seguinte, Foucault realizou duas conferências para arquitetos na Tunísia, onde lecionava, que permaneceram inéditas até 1984, quando foi publicado pela primeira vez “O corpo utópico, as heterotopias” (FOUCAULT, 1967). Na primeira destas conferências, Foucault discute as possibilidades do corpo e suas utopias. A fala que nos interessa nesta pesquisa pertence ao segundo texto, denominada As heterotopias, em que Foucault expõe as bases para sua nova ciência: a heteropologia. A leitura de Michel Foucault foi fundamental para a compreensão do que viria a ser um espaço democrático e a importância do “outro” para a ocupação e uso da cidade. Em “O corpo utópico, as heteropias”, Foucault amplia a compreensão do espaço a partir

do conceito das “heterotopias”, dos “espaços absolutamente outros” (FOUCAULT, 1967). Foucault descreve seus estudos a partir da teoria da heterotopias, iniciando a discussão a partir das utopias: “Utopias são lugares sem uma localização real” (FOUCAULT, 1967). As utopias, segundo ele, são espaços exclusivamente irreais, não lugares, que “existem apenas na cabeça dos homens” (FOUCAULT, 1967). Manuel Frias Martins, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, acredita que o sentido de Utopia hoje é a sua realização em alguns de seus ideais. Ele aponta que se alguma vez a utopia se realizar, seria uma tragédia, pois implantar uma utopia como objetivo final significa eliminar diferenças, e isso só é possível através de repressão, da supressão do outro. Utopias estão muito ligadas a poderes totalitários, como aspiração a um sistema ideal que, na realidade, devem ser perseguidos, mas nunca concretizados.

É dentro desta discussão que a obra de Foucault, marcada pelo estudo do outro, das minorias, surge com força. Foucault acredita que existam “utopias que têm lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa, [...] que têm um tempo determinado” (FOUCAULT, 1967). E então surgem as heterotopias.

A palavra heterotopia é formada pelo prefixo hetero, que significa outro, e topos, palavra que está ligada ao espaço, lugar. Em busca do universal, da utopia, a sociedade ocidental afastou o outro, a diferença. Nas décadas de 60 e 70, as concepções que então partilhavam os arquitetos deviam muito a Le Corbusier e à Bauhaus, à racionalização e à “legibilidade” do espaço urbano, há um olhar nostálgico para as ideias reguladoras da razão urbanística. Segundo Daniel Defert, no posfácio de Corpo utópico, as heterotopias:

O discurso arquitetural e urbanístico francês dos anos 60/70 se desdobrava no espaço da utopia. Os promotores dessas cidades não estariam entre os primeiros a inventar o consumo em massa? Não teriam eles articulado de maneira mais restrita a racionalização do consumo com a da ocupação do espaço? O arquiteto tornava-se o técnico passivo da operacionalização das estratégias e das normas do capital. (DEFERT, 1967, p.5)

Foucault busca regatar o espaço do outro, que a racionalidade ocidental suprimiu pela busca do espaço do mesmo. Sua definição mais sintética de heterotopia é “uma espécie de contestação ao mesmo tempo mítica e real do espaço no qual vivemos” (FOUCAULT, 1967). Desta forma, o filósofo introduz os princípios de espaços são reais, mas que operam de maneira completamente dife-

rente da ordinária. Sem se aprofundar no que seria o ordinário, Foucault se vale de descrições de espaços com múltiplas camadas de significação ou de relações a outros lugares, e cuja complexidade não pode ser vista imediatamente.

[...] ha outros (lugares) que são absolutamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo a apaga-los netutraliza-los ou purificá-los. São como contra. As crianças conhecem perfeitamente esses contraespaços, essas utopias localizadas. É o fundo do jardim, com certeza, é com certeza o celeiro, ou melhor ainda, a tenda de índios erguida no meio do celeiro, ou e então - na quinta-feira a tarde - a grande cama dos pais. É nessa grande cama que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; depois, essa grande cama é também o céu, pois se pode saltar sobre molas; é a floresta, pois pode-se nela esconder-se; é a noite, pois ali se pode virar fantasma entre lenço is é, enfim, o prazer, pois no retorno dos pais, se será punido. (FOUCAULT, 1967, p.19)

Segundo a historiadora Margareth Rago, a noção de heterotopias permite o questionamento da utopia. Ao invés de nos deslocarmos para um lugar irreal, para um espaço e tempo imaginários, seria mais interessante nos voltarmos para o que nos circunda, estranharmos o que é familiar, percebe-lo diferente e reinventa-lo. Para Rago, “as utopias consolam [...], as heterotopias inquietam”. A heterotopias constrói uma representação outra do espaço, permitindo abri-lo, pensa-lo com multiplicidades.

O exemplo dado por Foucault, a cama dos pais para a criança, é heterotopia. Foucault segue então apontando que as heterotopias, estes lugares absolutamente outros, não se limitam à mente das crianças: a sociedade adulta organizou seus contraespaços, seus “lugares reais fora de todos os lugares” (FOUCAULT, 1967). Foucault tem extensa produção conhecida por suas críticas a instituições modernas, e muitas delas são descritas como contraespaços: a prisão, cemitérios, asilos, clínicas psiquiátricas, prostíbulos, jardins, colônias de férias etc.

Foucault aponta que as heterotopias podem assumir formas extremamente variadas e inconsistentes. Enquanto a sociedade chamada primitiva caracteriza-se por heterotopias para indivíduos *em crise biológica* (espaços para meninos na puberdade, para mulheres em trabalho de parto etc.), a sociedade atual (nota-se grande semelhança entre o “atual” da década de 60 de Foucault e o que vivemos atualmente, 50 anos depois da publicação

desta obra) caracteriza-se por heterotopias de *desvio*, lugares destinados a indivíduos de conduta desviante à norma exigida, como as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas, as prisões e os cemitérios. A ociosidade é um desvio em uma sociedade tão atarefada como a nossa. Há as heterotopias cujo intuito é *justapor* em um lugar real espaços que deveriam ser incompatíveis. Foucault exemplifica essas justaposições listando lugares como teatros, cinemas e jardins. As heterotopias que *param o tempo* ou que encerram todos os tempos em um lugar são como museus e bibliotecas. Há outras heterotopias ligadas ao tempo, mas no modo de efemeridade, de festa: colônias de férias, prostíbulos. Por fim, Foucault aponta as heterotopias de passagem, transformação, regeneração: colégios (que transformam crianças em adultos, ingênuos em espertos) e, novamente, as prisões.

O filósofo segue a descrição das heterotopias apontando que elas têm um sistema de abertura e fechamento que as separa do espaço circundante. Mas também há as heterotopias que, ao contrário, não são fechadas ao mundo exterior, mas constituem uma simples abertura, uma pequena chance de fuga efêmera, como um livro aberto, heterotopias inteiramente “exteriores”. As heterotopias são uma contestação de todos os outros espaços, ora criam uma ilusão que sinaliza todo o resto da realidade como ilusão, ora concebe outro espaço real perfeito. Foucault encerra sua fala apontando o barco como heterotopia por excelência:

[...] pedaço de espaço flutuante, lugar sem lugar, com vida própria, fechado em si, livre em certo sentido, mas fatalmente ligado ao infinito do mar [...], o maior instrumento econômico e nossa maior reserva de imaginação. [...] Civilizações sem barcos são como crianças cujos pais não tivessem uma cama enorme na qual pudessem brincar. (FOUCAULT, 1967, p.30).

Michel Foucault indica o espaço como uma forma de relação de posições, onde a vida é comandada por espaços sacralizados. A sociedade produz heterotopias. Ele lançou uma nova diretriz para o estudo contemporâneo das ciências humanas e o pensamento sobre as relações sociais, procurando dar visibilidade às partes ocultas que formam o presente e os pedaços de narrativas que nos constituem onde não há mais identidade, onde o “eu” se encontra disperso pela história plural que o produziu.

A conferência para arquitetos de 1967 teve circulação restrita e apropriações diversas, o que torna tão instigante a leitura e o estudo das heterotopias. A partir da publicação de “Vigiar e Punir”



(1975), muitos estudos sobre a arquitetura da vigilância são publicados na Europa, efetivando assim a relação entre urbanistas e Foucault. A “análise das qualidades normativas das estruturas e das instituições” de sua obra foi de grande importância para urbanistas e arquitetos. Neste contexto, as heterotopias são retomadas na escola de Arquitetura de Veneza, onde foi realizado o primeiro estudo sobre a utilização desta ciência, Il dispositivo Foucault, ligado a Vigiar e Punir, para o estudo dos espaços. As heterotopias, nesta publicação, são estudadas principalmente em sua relação com o poder. Daniel Deffert aponta as várias formas de recepção de um conceito: “não se trata de uma compreensão exata nem de uma real instrumentalização, mas de uma reimplantação polissêmica e polêmica em uma rede de debates políticos, por um lado, e de um questionamento epistemológico, por outro”. Em 1976, dez anos após as conferências na Tunísia, Foucault diz em uma entrevista: “É surpreendente ver quanto o problema dos espaços levou tanto tempo para aparecer como um problema histórico-político”. Apenas em 1986 as conferências foram traduzidas para o inglês, iniciando todo um quadro de novas possibilidades para a interpretação das heterotopias, juntamente com a publicação de “História da sexualidade”. A leitura das heterotopias estaria então estritamente ligada às “políticas de identidade”. As heterotopias oram abordadas também nas representações das artes plásticas pelo cubano Felix Gonzalez-Torres, que retomou a cama dos pais de Foucault em instalações urbanas em Manhattan, consumando talvez a intimidade da vida íntima e privada no espaço público.

## 6. Nossos contraespaços

Daniel Deffert, no posfácio de *Corpo utópico*, as heterotopias, nos lembra também que Foucault dizia escrever não para leitores, mas para “utilizadores”. A princípio de maneira intuitiva, ao final da leitura desta obra surge o questionamento: quais são as nossas heterotopias? Que espaços hoje podem ser identificados como absolutamente outros? Será ao menos possível identificar espaços com essas características? A ciência de Foucault, voltada principalmente a instituições, cabe no espaço público?

Em seus estudos, Foucault indica que estes contraespaços são mutáveis, inconstantes. Como já assinalado anteriormente, muitos dos espaços que podemos identificar hoje como heterotopias já foram apontados por Foucault e, do ponto de

vista da heterotopologia, permanecem nesta condição (como as prisões, cemitérios etc.). Nesta pesquisa é explorado o conceito de heterotopia não mais para instituições, mas sim para o espaço público, no caso, (algum) espaço público de São Paulo e, de maneira mais desafiadora, para um espaço urbano aparentemente ordinário.

Metrópoles como São Paulo cultivam suas heterotopias próprias. Espaços como o Vale do Anhangabaú, Ladeira Porto Geral e a Paulista aberta aos domingos apontam, de maneiras diversas, contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. O comércio informal, manifestações, o carnaval de rua, tudo configura justaposições ao espaço ordinário, ao cotidiano. Abordarmos de maneira genérica estes espaços, como ponto de partida para a discussão contemporânea da obra de Michel Foucault, no âmbito do espaço público.

## 7. Antropologia urbana

A Antropologia Urbana e os estudos de José Guilherme Magnani, antropólogo da Universidade de São Paulo (USP), se mostraram extremamente interessantes e pertinentes para este olhar ampliado sobre o espaço urbano. Segundo Adrian Gorelik, as aproximações antropológicas para o estudo da Arquitetura e Urbanismo estavam em pleno auge na Argentina nos anos 80. Esta aproximação no Brasil parece estar ocorrendo com mais intensidade agora, no início do século XXI. Em uma palestra dada no IAB na disciplina de Seminário no primeiro semestre de 2017, Magnani dividiu sua fala em duas partes, a primeira dedica a uma introdução à Antropologia, e a segunda dedica aos estudos dentro da Antropologia Urbana.

Em sua primeira fala, dedicada à história da Antropologia, Magnani começou explicando como era o trabalho do antropólogo no início: seu estudo se dava sobre sociedades de pequena escala, no caso, as sociedades indígenas. A Antropologia buscava estudar e entrar em contato sempre com o outro, identificando suas lógicas. Este outro já teve várias nomenclaturas diferentes. No século XV, eram chamados de selvagens. Com a Revolução Industrial, este outro passa a ter alma, ainda dentro de um estágio atrasado, e é chamado então de primitivo. Nos anos 10 e 20, no início do movimento moderno, os antropólogos saem da torre de marfim e começam a ir a campo (sendo este campo muitas vezes limitado à própria varanda, ao próprio convés), e o outro passa a ser identificado como o diferente. Surge assim a Etnografia, o estudo dos indivíduos através da vivência. Este novo jeito

de se fazer Antropologia parte de uma perspectiva comparativa, onde o antropólogo se auto referenciava para estudar uma sociedade outra. Um dos momentos mais significativos da história da Antropologia se dá nos anos 50, quando há a chamada “rebelião dos objetos”. Magnani cita rapidamente a importância da Escola de Manchester neste momento de transição da Antropologia, em que a luta contra políticas de domínio e dependência econômica estavam latentes nos países colonizados, aqueles considerados subdesenvolvidos. As décadas de 60 e 70 são marcadas pelas rebeliões do centro (devemos lembrar de Maio de 68), pelo movimento contra o establishment e as reivindicações de fala por indivíduos que foram continuamente calados, como os negros e os homossexuais. Foi neste momento em que Jane Jacobs, uma voz na luta pelo poder da fala (mulheres também eram caladas naquele momento) publica “Morte e vida de grandes cidades” (1961). Impossível não intrigar-se com a contradição de sua obra, que mesmo contendo um forte discurso político e inédito, sendo uma das publicações de mulheres de maior força da década de 60, deixe de lado questões de opressão, principalmente a questão racial.

Esta crise de representação pela qual a Antropologia passou em meados do século XX levantou questões que até hoje são discutidas vorazmente, como a problemática de se falar do outro e a hierarquia e discrepância política entre estudioso e objeto de estudo. Esta problemática do papel do antropólogo e seu lugar de fala trouxeram uma outra e nova questão: é possível fazer Antropologia, antes limitada à pequenas sociedades, dentro de uma grande cidade? A Antropologia Urbana passou então a ser discutida, estudada e ganhou forma. Magnani deixa claro em sua fala que a Antropologia Urbana não é uma consequência da Antropologia, mas sim uma nova forma de se fazer Antropologia. A Antropologia Urbana e a Etnografia buscam se afastar do chamado voo de pássaro, aquele olhar de longe e fora – tão importante para a formalização do campo do urbanismo-, para assim buscar um olhar mais próximo, de perto e de dentro, procurando sempre produzir alguma coisa nova, e que possa ser compartilhada. Uma das principais problemáticas deste novo estudo é a chamada tendência da aldeia: é muito mais fácil ficar dentro de um lugar único, dentro da rua, da quadra, e perder assim a percepção da cidade. A Antropologia Urbana marca o início do estudo dos centros, e possui uma metodologia particular e sistemática para se olhar a cidade. Ao longo da trajetória da Antropologia Urbana, foram sendo

inventadas novas categorias para se observar a cidade. Ao se estudar a cidade, o antropólogo depende de uma continuidade espacial, sendo que os próprios atores vão mostrando ao antropólogo a direção de seu olhar, assim como os espaços mostram ao arquiteto. O trabalho do antropólogo, em diálogo com outros profissionais, é capaz de produzir um estudo fundamental para a compreensão de algumas das dinâmicas de uma grande cidade, ou ao menos de uma pequena parcela dela, e por isso a importância de uma reflexão contemporânea calcada em autores que se valeram destas novas perspectivas.

## 8. General Jardim

A Rua General Jardim configura-se hoje como eixo complexo e em constante transformação da cidade de São Paulo. Localizada no bairro Vila Buarque, na região central, entre a Praça da República, a Avenida São Luís e a Consolação, espaços complexos por si só, a Gal. Jardim mostra-se inteiramente dinâmica ao longo de seus 900 metros de extensão, desde seu início, próximo ao icônico edifício Copan, até enfim encerrar-se no cruzamento com a Rua Sabará, no bairro de Higienópolis. Buscando uma melhor compreensão e ambiência da rua e, portanto, de sua importância para esta pesquisa, é fundamental o relato descritivo de sua estrutura e algumas de suas dinâmicas.

A rua Gal. Jardim se mostra inteiramente complexa para quem a caminha do começo ao fim. Na primeira quadra, próxima à estação República do metrô, há edifícios fundamentais para o intenso fluxo de pedestres nos arredores, como a Escola da Cidade e a Secretaria de Saúde. Estes dois edifícios, no entanto, para além da conexão visual, pouco se relacionam. Por outro lado, os indivíduos que os frequentam tem algo em comum: o uso das calçadas como uma extensão do prédio. Na Secretaria, a calçada, coberta por uma estreita marquise, configura-se como fumódromo. Diariamente, centenas de funcionários passam minutos neste espaço, fumando, conversando ou não. Este uso se assemelha ao observado na escada frontal da Escola da Cidade e nas próprias muretas ajardinadas, espaços de encontro e conversa, marcado por reuniões extraordinárias e palco de festas na rua. Festas estas que se expandem para outras quadras, tornando a rua, os bares e as calçadas espaços de celebração, aonde os papéis ordinários se invertem para a festa acontecer. Outra atividade em comum entre as instituições é a presença do debate político, direta ou indiretamente. Regu-

larmente acontecem manifestações em frente à Secretaria, alterando assim o movimento da rua. Já o debate político na Escola da Cidade pouco se manifesta para fora do ambiente acadêmico (a extensa faixa onde se lê “FORA TEMER” é o mais próximo que temos de uma manifestação voltada para a rua). Além destes momentos pontuais, a Gal. Jardim está localizada nas margens de um percurso da cidade marcado por manifestações políticas, estando próxima à Consolação, à Praça da República e, um pouco mais distanciada, ao edifício da Prefeitura.

Entre as razões para a percepção da rua como complexa está a dificuldade em classificá-la com base em sua escala e pelas atividades que nela ocorrem. A rua Gal. Jardim não é apenas uma rua de pequenos apartamentos e comércio local, muito menos uma avenida de edifícios de grande porte. Os gabaritos variam, podendo ter apenas um ou até mais de 10 nas proximidades de Higienópolis. A predominância de edificações relativamente baixas é importante para a ambiência deste eixo, já que as vias e calçadas não são muito amplas. Pela rua (de mão única) pode circular apenas um carro, com mais um estacionado em cada lateral, tendo uma média de 6 metros de rua para automóvel. As calçadas mantêm uma média de 2 metros de largura.

A presença do Minhocão (hoje Elevado João Goulart) e da Praça Rotary confirma a General Jardim como espaço profundamente inserido na discussão sobre a vida pública da cidade, como iremos explorar mais adiante. Por sua localização central e topografia pouco acentuada, a rua é de fácil acesso e circulação, sendo próxima à estação de metrô República e de vários trajetos de ônibus, que ligam a rua tanto ao eixo da Consolação quanto em direção ao Centro e ao bairro de Higienópolis. A rua, que leva o nome do militar falecido em 1984, José Gomes Jardim, é palco para indivíduos e usos diversos. Em suas sete quadras distribuem-se serviços variados, alguns deles poucos óbvios para quem transita por ela. A Gal. Jardim se insere numa onda de mudanças e espécie de retomada do uso da região central que vem crescendo na cidade, com o surgimento de novos restaurantes, escritórios, cafés e pequenos comércios.

### 8.1 Marquises

Algumas das marquises da Rua General Jardim destacam-se pelo caráter público ou a ausência dele. O edifício do IAB-SP (Instituto de Arquitetos do Brasil de São Paulo) destaca-se na rua por sua localização, na esquina com a Rua Bento Freitas,

e por sua arquitetura moderna paulista com suas paredes de vidro e a marquise generosa, predominantemente ocupada por moradores de rua de dia e travestis pela noite. A marquise do IAB já foi palco de concentração de blocos de carnaval e é usada constantemente como espaço expositivo de trabalhos de arquitetura, tornando-se nestes momentos ainda mais interessante. Mais adiante, a Aliança Francesa também pode ser reconhecida pela extensão da marquise e pelo recuo do edifício em relação à rua. O espaço tem função social especificamente para eventos promovidos pela instituição, e há constante concentração de pessoas neste espaço em dias de espetáculo e chuva. Nele, no entanto, não há moradores de rua. A Aliança Francesa conta com seguranças e uma política diferente do IAB, onde estes moradores de rua se acomodam. No entanto, a presença dos moradores no IAB não significa que seja estabelecido algum tipo de relação entre estas pessoas e quem frequenta a livraria ou os escritórios. Há uma parede de vidro entre eles e a relação se dá apenas de forma visual, como abordaremos mais adiante nesta pesquisa. A marquise da Secretária de Saúde, mesmo estreita, abriga conversas em dias de muito sol ou chuva. Esta marquise configura outro espaço conflituoso da rua, por ser uma instituição pública que tem suas calçadas ocupadas por moradores de rua. Recentemente foi aberto um espaço de eventos de caráter mais interdisciplinar e público no térreo do edifício. Grafiteiros foram chamados para pintar os muros deste espaço, proporcionando um evento interessante na rua, com música alta, artistas em produção e um resultado atraente para a rua. A marquise da Escola da Cidade se configura como uma extensão dos espaços de troca proporcionados pela instituição. Os degraus e canteiros da entrada tornam-se bancos e ponto de encontro tanto para estudantes e professores como para pedestres da Gal. Jardim.

A ocupação da rua pelo pedestre se dá diariamente em momentos e locais pontuais. Os serviços, principalmente os de esquina, atraem um público plural, que se aglomera no curto espaço das calçadas, invadindo a rua. A calçada se transforma em espera, em festa, em lugar de refeição. Curioso perceber que ao longo de toda a rua há um único banco, além de um parklet privado, colocado em frente a uma loja de animais pelos próprios donos do estabelecimento, que enfeitam a calçada imediata ao local com vasos de planta.

Por estar localizada nas proximidades da Consolação e da Praça da República, além da presença da Secretária da Saúde no início da rua, a Gal.

Jardim, ou pelo menos parte de sua extensão, é palco de ocupações de todos os portes. Além da possibilidade de se viver manifestações em frente a Secretária, a proximidade da República proporciona a experiência de se escutar manifestações, vozes em auto falantes, helicópteros da polícia, tudo isso as vezes sem contato visual com o ato. Na rua também já foram realizados eventos como a Feira do Animal, que interdita o espaço para circulação de carros e os pedestres tem livre circulação pela festa e suas atividades. A Gal. Jardim também é ocupada com força mais recentemente pelos blocos de carnaval, inclusive pelo da Escola da Cidade, o Bloco da Gal. Nestes momentos de manifestações, que são de todos os tipos, as atividades ordinárias da rua são neutralizadas, apaziguadas, e o espaço público e seu poder transformador ficam em evidência.

A multiplicidade de tipologias da General Jardim tem como consequência um uso do espaço público impulsionado por diversos interesses e, dessa forma, por diversos sujeitos. Sendo o espaço organizado por mais de uma necessidade ou motivação, não poderia se mostrar, portanto, monótono ou de fácil generalização. Os discursos dessa rua são muitos, as sensações ao se caminhar por ela, de olhos atentos, se transformam, acrescentam uma a outra ou entram em embate bruscamente. As formas de se relacionar provocadas por esta configuração podem ser compreendidas a partir de várias abordagens e olhares.

### 8.2. Noite e dia

Retomando Foucault, várias ruas e espaços públicos de São Paulo comportam-se como heterotopias, como *espaços absolutamente outros*, no sentido de que há uma sobreposição, um apagamento das atividades que acontecem nestes espaços ao longo do dia, para transformarem-se completamente de noite. Esta transformação pela noite nos incita a refletirmos sobre estes lugares como um todo, como um tecido complexo e de funcionamento estritamente conectado, ondenas diferenças entre dia e noite são complementares e não divergentes. Ao definir heterotopias como “uma espécie de contestação ao mesmo tempo mítica e real do espaço no qual vivemos”, Foucault escancara a conexão profunda entre espaços aparentemente opostos.

As atividades que acontecem na Rua Gal. Jardim mudam conforme as horas passam. Estabelecimentos como a Secretaria de Saúde, os estacionamentos, o IAB, uma gráfica e uma loja de tinta, locais que trazem movimento para a rua de dia,

encerram suas atividades antes das boates e motéis nos arredores começarem a funcionar. A Gal. Jardim e ruas próximas mantêm atividade noturna intensa, movimentada, pela rua ser frequentada ao longo das madrugadas. No entanto, há clara mudança de territorialidade que acompanha a mudança de atividades da rua. Estabelecimentos que funcionam na transição do dia para a noite, como os restaurantes da rua, os bares e a própria Escola da Cidade acompanham a mudança na espacialidade da rua conforme alguns lugares fecham e outros abrem. Há uma espécie de sobreposição, como indica Foucault, na chegada da noite na Gal. Jardim.

A ocupação das calçadas por clientes de bares é característica em toda cidade. Não seria diferente na Gal. Jardim, onde a ocupação das calçadas muitas vezes não é suficiente e a rua também é ocupada. A transformação da rua em festa é heterotopia. Há uma purificação do espaço em nome de uma evento maior que é a reunião de pessoas, as trocas intensas, o prazer de saber que se está celebrando em espaço “proibido”. Não é a toa que de maneira quase absoluta, os bares da cidade ocupam o térreo de edifícios.

A ocupação das calçadas pelas travestis a noite é ponto fundamental nesta mudança de espacialidade. As calçadas, espaço de passagem, de conversa e de certos encontros ao longo do dia operam de maneira completamente diferente com a chegada das travestis e a transformação deste espaço em espaço de trabalho. As calçadas da Gal. Jardim podem ser identificadas portanto como espaço de múltipla camada de significação e relação dentro da cidade, como heterotopias. Não é possível identificar todas estas camadas de modo imediato. A transformação delas em espaço de trabalho provoca ampla discussão social quanto às diversas formas de se apropriar e utilizar o espaço público de uma cidade. É importante ressaltar que não é só no período da noite que as travestis utilizam as calçadas como espaço de trabalho. No entanto, a mudança de território acontece de maneira mais concreta neste período, a mudança é perceptível com a chegada da noite e o encerramento de atividades comuns do dia-a-dia.

A dificuldade constante que frequentadores da Gal. Jardim, extremamente próximos, mas fatalmente distantes das travestis, enfrentam para abordar o assunto, se dá pela imensa necessidade de se respeitar estas mulheres e sua ocupação, em meio à realidade violenta que as cerca. Ressaltando o fato de que não é porque se é travesti que se prostitui, o uso das calçadas como espaço de tra-

balho produz o que poderia ser identificado como um novo mapeamento deste espaço. Os diferentes mapeamentos da General Jardim muitas vezes se sobrepõem sem se misturar. Como água e óleo. O convívio que alunos e professores da Escola estabelecem com estas mulheres não está vinculado a nenhuma relação direta.

Ponto culminante da sobreposição do espaço público nas calçadas da Gal Jardim é a esquina onde está o IAB, no cruzamento com a Bento Freitas. De um lado, o lado de dentro do edifício, está a organização da categoria profissional do arquiteto, conformado pelo prédio recém-restaurado de arquitetura admirável e respeita. As paredes de vidro dividem espaços de valor em nossa sociedade, como uma livraria, do espaço depredado da rua. De dia, moradores de rua protegem-se do sol e da chuva na marquise do IAB, enquanto pessoas bem vistas tomam café olhando para a rua, mas sem percebê-la. À noite, a biblioteca fecha, mas ainda se enxerga os livros nas estantes. Do lado de fora, as travestis trabalham, esperam clientes. A tensão deste espaço escancara a tensão do tecido urbano, onde espaços aparentemente divergentes ocupam mesmo metro quadro, de maneira quase paralela.

## 9. Conclusões parciais

Ao longo da pesquisa, a relação entre a rua e as obras, antes um tanto vertical, aonde a leitura dos autores moldava o olhar para com a rua, foi se dissolvendo e se mostrando cada vez mais uma relação de trocas, no sentido de que a importância das duas para a compreensão de algumas questões do espaço público urbano foi se igualando, se complementando, e tanto as obras quanto a rua passaram a ter papel fundamental nas observações ao longo da pesquisa. Isso se deve, entre outras razões, à reavaliação do conteúdo das obras para o estudo proposto, e ao papel da vivência na rua e dos registros que ela gerou, necessários em contrapartida ao material teórico estudado. Teoria e prática, portanto, complementam-se nesta pesquisa, de forma que a ausência de uma das partes acarretaria na impossibilidade de se realizar esta pesquisa. A rua não reflete as obras e as obras não foram moldadas pela rua. A relação entre as partes, como muito se é dito, forma o todo. O todo desta pesquisa é, na realidade, uma parcela muito pequena do que se é produzido sobre cidade atualmente, ou até mesmo sobre a rua General Jardim. Uma das percepções mais significativas possibilitadas por esta pesquisa foi poder entrar em contato

com as diversas pesquisas e abordagens teóricas e práticas que tem sido produzidas na rua e sobre a rua General Jardim.

Assim como as heterotopias, esta pesquisa é uma busca pela “possibilidade de reinventarmos e darmos novos sentidos aos espaços físicos, geográficos, políticos, afetivos ou subjetivos que aprendemos a ver de maneira empobrecida” (RAGO, 2016), de maneira a produzir uma leitura renovada do espaço público e das formas que os indivíduos o ocupam.

## Referências bibliográficas

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros - crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de; MELLO, Joana. Cultura urbana sob novas perspectivas: entrevista com Adrián Gorelik. *Novos Estudos - CEBRAP*, n.84, p.235-249, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002009000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000200013)>. Acessado em fev. 2017.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v.24, p.99-120, 2016.

CERTEAU, Michel. *Andando na Cidade*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, n.24, 1996.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N1 Edições, 2013.

\_\_\_\_\_. Espaço, saber, poder. *Revista Punkto*. Disponível em: <[http://www.revistapunkto.com/2015/04/espaco-saber-e-poder-michel-foucault\\_88.html](http://www.revistapunkto.com/2015/04/espaco-saber-e-poder-michel-foucault_88.html)>. Acessado em out. 2016.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo; Loyola, 1996.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LUCK, Heloisa. *Pedagogia interdisciplinar*. Fundamentos teórico-metodológicos. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

CACCIARI, M.; RELLA F.; TAFURI, M.; TEYSOT, G. *Il dispositivo Foucault*. Vezeza: Cluva, 1977.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. *No meio da trama: a antropologia urbana e os desafios da*

cidade contemporânea. *Sociologia*, v. 60, 2009.

MORE, Thomas. *A utopia*. São Paulo: Edipro, 2013.

MORIN, E. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

RAGO, Margareth. *Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias*. São Paulo: Editora da Cidade, 2016.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *The uses of disorder: personal identity and city life*. New Haven: Yale University Press, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Subsídios para uma reflexão sobre os novos caminhos da interdisciplinaridade. In: SÁ, J. L. M. *Serviço social e interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 11-21.

WESTHPAL, Márcia Faria; MENDES, Rosilda. Cidade Saudável: uma experiência de Interdisciplinaridade e intersetorialidade. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, FGV, 34(6), p.47-61, nov.-dez. 2000.

## Notas

1. Aluna de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo na Escola da Cidade - [tlcaldas@uol.com.br](mailto:tlcaldas@uol.com.br)